



A Covid-19 e as dificuldades enfrentadas por discentes do Ensino Médio Integrado durante o Isolamento Social

Covid-19 e and the difficulties faced by students in integrated High school during social isolation

Emanoela Moreira Maciel¹

 <https://orcid.org/0000-0003-2605-8027>  <http://lattes.cnpq.br/5066513709643467>

Catarina Angélica Carvalho Pereira²

 <https://orcid.org/0000-0002-9376-3503>  <http://lattes.cnpq.br/2230106148579200>

RESUMO

A Covid, doença do Novo Coronavírus, é uma infecção respiratória de alta transmissibilidade que pode evoluir de casos leves a severos, inclusive óbitos, decretada como emergência de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Por causa da doença, normas sanitárias preventivas e de controle passaram a ser exigidas, como o isolamento social. No campo educacional, as aulas presenciais passaram a ser remotas. Em decorrência disso, impactos psicológicos nos discentes durante a pandemia, e perdurando no retorno presencial, foram percebidos no âmbito escolar. Assim, o estudo objetivou investigar o impacto do retorno presencial das atividades na saúde mental dos discentes do 2º ano do Ensino Médio Integrado (EMI), numa instituição federal do Piauí. É uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, de natureza descritiva e explicativa, desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas, com a participação de dez discentes do Ensino Médio Integrado. O estudo aconteceu no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). A técnica utilizada para análise de dados foi embasada no modelo de Bardin (1977). Os resultados indicaram, entre outros achados, que o período de isolamento social agravou, de fato, o sofrimento mental dos respondentes e o retorno presencial às atividades se configurou um desafio adaptativo a estes estudantes. Concluiu-se que esse período pandêmico causou prejuízos na aprendizagem dos discentes no ensino remoto, o que revela a importância de se discutir sobre saúde mental nas escolas.

Palavras-chave: *Pandemia; Ensino Médio Integrado; Saúde Mental; Isolamento Social, PROFEPT.*

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Teresina/PI – Brasil. E-mail: emanoela@ifpi.edu.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Teresina/PI – Brasil. E-mail: catarina.angelica@ifpi.edu.br



ABSTRACT

COVID-19, a disease caused by the new coronavirus is a respiratory infection of high transmissibility that can evolve from mild to severe cases, with the possibility of death. It has been considered a public health emergency by the World Health Organization (WHO). Because of COVID-19, preventive sanitary control regulations, including social isolation, became mandatory. In the educational field, onsite lessons became remote. Because of that, a psychological impact on students during the pandemic was observed in the school environment. The effects could still be observed after the end of lockdown. Thus, this study aimed at investigating the impact of the return of onsite activities on the mental health of students in the second year of Integrated High School (EMI), at a federal institution in Piauí. It is a field research of qualitative character, descriptive and explanatory nature, developed by means of semi-structured interviews, with the participation of 10 students from Integrated High School. The study took place during the Program for Post-Graduation in Professional and Technological Education (PROFEPT). The technique used for data analysis was based on Bardin's model (1977). Results indicated, among other things, that the period of social isolation really aggravated the mental suffering of the participants and the return to onsite activities proved an adaptative challenge for these students. Researchers concluded that this period of pandemic caused plenty of learning difficulty for students in remote education, which reveals the importance of discussing mental health at schools.

Keywords: *Pandemic; Integrated High School; Mental Health; Social Isolation; PROFEPT.*

1. INTRODUÇÃO

Entre 2020 e 2022, o vírus SARS-COV-2 alastrou-se de forma abrupta por todos os países, provocando a Doença do Coronavírus - COVID-19, infecção viral respiratória que se propaga por contágio de gotículas, propício a mutações em novas variantes resistentes e, conseqüentemente, mais letais. O cenário atual da pandemia foi causado pelo coronavírus descoberto em dezembro de 2019, após o surto em Wuhan, na China. A doença é infecciosa, altamente contagiosa, de rápida transmissão e pode causar quadros graves, afetando os seres humanos com desfecho de complicação e mortalidade, em especial na população idosa e em indivíduos com doenças crônicas (Christinelli *et al.*, 2021).

O cenário mundial viveu um momento atípico em tempos contemporâneos, tendo que readaptar a uma nova realidade frente a alta transmissibilidade do vírus respiratório.

Dados epidemiológicos mostram a rápida expansão da síndrome respiratória, com base nos casos suspeitos e confirmados no Brasil. O primeiro caso da doença foi confirmado em São Paulo, em 26 de fevereiro de 2020. Em 11 de março do mesmo ano, já se contava com 52 casos confirmados e 907 suspeitos, a curva da pandemia no Brasil evoluiu rapidamente: de acordo com o Observatório Covid-19 BR, o número de mortes em meados de abril dobrava a cada 9 dias e 14 horas, em 24 de abril, havia 3.365 óbitos no país e mais de 50 mil casos (Lima *et al.*, 2020).

Diante do exposto, houve uma crise na saúde pública com o agravante da superlotação dos serviços de saúde, que também fez parte deste cenário. Ainda não existiam medicamentos específicos para tratamento e nem vacinas para intervenção da infecção. O impacto social e na saúde gerado pela pandemia de COVID-19, determinado, em parte, pela incerteza de estratégias de controle do vírus, como o desenvolvimento de uma vacina e a resistência à manutenção do isolamento físico social, perpassa por diferentes contextos da nação brasileira. No âmbito da



saúde, os serviços de assistência vivenciam uma mudança abrupta nas rotinas de trabalho dos profissionais, e chama a atenção das autoridades sanitárias o aumento progressivo do contágio e da consequente superlotação no atendimento dos serviços públicos e privados (Silva *et al.*, 2021).

Governos federal e locais decretaram estado de emergência e calamidade pública, que motivou a necessidade do cumprimento rigoroso das medidas sanitárias. O impacto do surto da COVID-19 ocasionou consequências biológicas, psicológicas, sociais e econômicas desfavoráveis para a população. Diante disso, cuidados básicos de higiene pessoal e comunitária, uso de máscaras, assim como o distanciamento social têm sido importantes estratégias impostas para controlar a rede de transmissão do vírus SARS-CoV-2 (Christinelli *et al.*, 2020).

O distanciamento social resultou na suspensão das atividades presenciais dos serviços não essenciais neste período e a educação foi um dos setores mais atingidos em virtude da pandemia. Alunos e professores tiveram que se reorganizar ao novo modelo de ensino remoto. Segundo Cordeiro (2020), educadores tiveram que adaptar seus conteúdos para o formato online e, apesar de todos os seus desafios e entraves, essas ações foram cruciais para minimizar os prejuízos do período na ausência das aulas presenciais. A dúvida dos professores, especialistas e sociedade foi como fazer isso, já que nenhum sistema estava preparado para uma pandemia de tamanha proporção. Assim, as soluções de ensino remoto através da utilização da tecnologia digital foram extremamente importantes para enfrentar as demandas emergenciais, mas alertou para seus efeitos limitados.

Para Pasini (2020), o tempo de pandemia pelo Coronavírus trouxe uma ressignificação para a educação, nunca imaginada. A dor causada pela perda de pessoas, o afastamento e o isolamento social causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. A crise sanitária fez uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação.

As atividades passaram a ser à distância e as aulas presenciais do ano letivo foram suspensas, sendo substituídas por aulas remotas através dos canais digitais, dentre eles: e-mails e plataformas, como o Google Meet. Por meio das plataformas, as aulas virtuais eram gravadas pelos professores nas modalidades síncronas, em que professores e alunos participam simultaneamente na mesma conexão, e assíncronas, em que as aulas são gravadas na plataforma e os alunos acessam no tempo e horário mais convenientes para si.

Discentes e docentes tiveram que se adaptar ao novo modelo educacional, e alguns alunos tiveram dificuldades em razão do acesso ao aporte tecnológico para o acompanhamento das atividades escolares. O suporte das escolas públicas foi fundamental por meio dos empréstimos de computadores e tablets, além do acesso gratuito à internet, disponibilizado pela própria instituição, para redução dos danos educacionais causados neste período.

As condições financeiras desfavoráveis desafiaram ainda mais os alunos de baixa renda, que vivem em situações de vulnerabilidade e aglomerados em residências lotadas. Eles sofreram mais com essas mudanças bruscas, onde o isolamento foi uma das medidas sanitárias indispensáveis a serem seguidas e acarretou danos à saúde mental, contribuindo para o agravamento do baixo desempenho escolar.



Os prejuízos causados no âmbito psicológico no sistema escolar também têm sido destacados, jovens afetados por problemas psicológicos apresentam com mais frequência rendimento acadêmico inferior, evasão escolar e envolvimento com problemas com a lei como: violência, criminalidade e drogadição, e a demanda de alunos com algum tipo de problema emocional/comportamental vem preocupando educadores (Estanislau *et al.*, 2014).

Além das consequências no aprendizado escolar, todo o contexto descrito impactou diretamente na saúde mental dos discentes, uma vez que reduziu o convívio social e favoreceu o surgimento de instabilidades psicológicas. Os fatores que influenciam o impacto psicossocial estão relacionados à magnitude da pandemia e ao grau de vulnerabilidade em que a pessoa se encontra no momento (Fiocruz, 2020).

Diante do cenário descrito, outro desafio surge em meio aos já elencados: o retorno presencial após um período atípico intenso. No âmbito de uma instituição federal de Educação Profissional e Tecnológica do Piauí, identificou-se o aumento da procura no setor de saúde, decorrente da dificuldade/receio de socialização entre os escolares, do surgimento de sentimentos angustiantes decorrentes do impacto da pandemia e do agravamento de transtornos mentais pré-existentes.

Diante do exposto, desenvolveu-se uma pesquisa, em nível de mestrado, cujo objetivo foi investigar o impacto do retorno presencial das atividades na saúde mental dos discentes do 2º ano do Ensino Médio Integrado (EMI), numa instituição federal do Piauí. Para o desenvolvimento do estudo, realizou-se uma pesquisa descritiva, explicativa e exploratória, na qual a técnica de produção de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas com discentes do 2º ano do EMI da referida escola. Para análise dos dados, seguiu-se a Análise de conteúdo fundamentada em Bardin (1977). Pela análise, foi possível organizar os dados através do estabelecimento de categorias e subcategorias. Neste artigo, apresentam-se as análises e resultados de uma categoria emergente do estudo.

2. O NOVO CORONAVÍRUS E A COVID- 19: ISOLAMENTO SOCIAL NO ENSINO REMOTO E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

Os coronavírus (CoVs) são vírus envelopados com diâmetro de 60 a 130nm que contém um genoma de ácido ribonucleico (RNA) de fita simples de sentido positivo, com tamanho variando de 26 a 32 kilobases (Kb) de comprimento, esses vírus podem apresentar capsídeos pleomórficos e ter projeções radiais superficiais como uma coroa, daí o nome coronavírus, ordem *Nidovirales*, família *Coronaviridae*, subfamília *Orthocoronavirinae* (Xavier, *et al.*, 2020). Esses vírus são transmitidos pelo contato respiratório através de aerossóis (procedimentos) e/ou gotículas contaminadas da fala, tosse ou espirro, apresentam alta transmissibilidade e se multiplicam de forma acelerada, o que facilitou a disseminação por diversos países em um curto espaço de tempo.

O nome Covid significa a junção de letras que se referem a (CO)rona (VI)rus (D)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus", o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados, na cidade de Wuhan na China, os coronavírus vieram dos morcegos e sofreram mutações, passando a infectar também os humanos, estes



causam doenças respiratórias que podem ser leves, como resfriados e gripes, até doenças mais graves (Fiocruz, 2020).

À medida que, a pandemia da COVID-19 progrediu e até um determinado período, a doença não apresentava terapias e vacinas antivirais, muitos países implementaram medidas de distanciamento físico e social como um esforço para reduzir a transmissão do vírus, que implica manter distância de outras pessoas que estão fora do ambiente familiar, essa decisão dos países em adotarem o isolamento social baseia-se no modo em que o coronavírus é transmitido e na falta de medidas farmacológicas de prevenção e tratamento específicos para combater o vírus (Lima *et al.*, 2020).

O enfrentamento da pandemia baseia-se na adoção das medidas sanitárias, dentre elas, o distanciamento social, por meio do isolamento domiciliar, evitando aglomerações.

Para Schuchmann *et al.* (2020), existem diversas intervenções em saúde pública passíveis de realização que visam o controle de um surto de uma doença infecciosa. O isolamento de pacientes consiste na separação de pessoas sabidamente contaminadas das não contaminadas, com o intuito de proteger quem ainda não foi atingido pela doença, enquanto a quarentena pode ser definida como a restrição de atividades ou a separação de pessoas que não estão doentes, mas que podem ter sido expostas ao agente infeccioso, com o objetivo de monitorar os seus sintomas e assegurar a detecção precoce da doença.

De acordo com Vieira *et al.* (2020), uma das consequências da necessidade do isolamento social é a restrição das atividades laborais e escolares. As instituições de educação foram as primeiras a serem fechadas, independente do grau de ensino, viram-se obrigadas a buscar alternativas para manter pelo menos parte de suas atividades em ensino remoto e incluir atividades síncronas e assíncronas entre professores e alunos. O autor complementa que os alunos, adaptados e acostumados ao ensino presencial, passaram a conviver com um duplo desafio: a necessidade de isolamento e o aprendizado baseado em atividades remotas, que ensejam maior autonomia.

Como medida protetiva, o Ministério da Educação (MEC) regularizou o Ensino Remoto Emergencial (ERE), modalidade emergencial e transitória, através da Portaria: nº 343 de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição, em caráter excepcional, das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19 (Brasil,2020).

Esta portaria foi revogada em decorrência do cenário instável e imprevisível da pandemia e em 16 de junho de 2020, o MEC publicou a Portaria nº 544, que também dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19.

Dessa forma, para Winters *et al.* (2023), o ensino remoto emergencial (ERE) foi uma possibilidade que as instituições de ensino utilizaram para reparar uma situação de crise, entretanto não deve ser comparada com o Ensino a Distância (EaD). O EaD é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e docentes desenvolvendo



atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Os docentes se depararam com as aulas remotas, que se mostraram ao decurso do tempo menos produtivas, em comparação às aulas presenciais, exigindo estratégias ativas de ensino e de aprendizagem, o que requer mudanças significativas na prática docente (Winters *et al*, 2023).

Em situações estressantes que ofereçam riscos, os jovens podem temer novas situações que causem algo desafiador e apresentarem sintomas psíquicos indesejáveis e conseqüentemente, apresentar transtornos mentais. Na visão de Lima *et al.* (2020), a crescente ameaça da pandemia da COVID-19 levou a uma atmosfera global de ansiedade, depressão e estresse, devido à interrupção de planos de viagem, sobrecarga de informações da mídia, pânico para comprar itens indispensáveis, como os alimentos, e, principalmente, ao isolamento social.

É evidente que uma nova doença não causa conseqüências somente à saúde física. Nabuco, Oliveira, Afonso (2020) afirmam que a pandemia pela COVID-19 afeta também a saúde mental e o bem-estar das pessoas, mais que isso, os surtos anteriores evidenciaram que os impactos na saúde mental podem ser mais prolongados e ter maior prevalência que a própria epidemia, cujas implicações econômicas e psicossociais podem ser incalculáveis. Durante as epidemias, portanto, a morbimortalidade secundária ao comprometimento na saúde mental tende a superar a relacionada diretamente à infecção.

Segundo Ornell *et al.* (2020), em uma pandemia, o medo aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existentes. Durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. E os autores complementam: as tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos. (Ornell *et al.*, 2020).

Teixeira *et al.* (2021) destaca que grande parte do país se encontrava no estado de redução de convívio social, com escolas e universidades paralisadas e diversos pontos interditados. Uma rede de apoio psicossocial constituída de vínculos e relações sociais é fundamental no contexto da atenção em saúde mental, assim, o suporte social é considerado como um fator capaz de proteger e promover a saúde mental.

3. METODOLOGIA

Adotou-se esta pesquisa como descritiva, explicativa e exploratória. Segundo Gil (2010), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Além disso, na visão de Nunes, Nascimento, Alencar (2016) a pesquisa descritiva é um estudo de status que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição.

A pesquisa é explicativa, pois tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o



conhecimento da realidade e pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado (Gil, 2002). O estudo ora proposto é explicativo, pois atende as características que buscam identificar os fatores determinantes para a ocorrência dos fatos, se mostra de forma detalhada a responder a questão problemática da pesquisa.

A pesquisa é exploratória, pois conforme Oliveira, Ponte, Barbosa (2006), foca na maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Têm como principal objetivo o aprimoramento de ideias, de modo que quaisquer aspectos relativos ao fato estudado têm importância.

A pesquisa é, ainda, qualitativa e isto se apoia em Richardson (2014), quando cita que pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A instituição de desenvolvimento do estudo foi uma instituição federal de ensino, pesquisa e extensão, que oferta cursos superiores, técnicos e EMI, situada em Pedro II, cidade localizada a 205 quilômetros da capital Teresina, estado do Piauí.

Esta pesquisa foi submetida ao CEP da Faculdade Santo Agostinho - FSA e aprovada com parecer de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 6.262.158. Os participantes desta pesquisa foram 10 discentes matriculados no EMI, dentre os cursos: Meio Ambiente, Administração e Informática, identificados, neste estudo, pela abreviação Dep. (depoente), seguido das letras correspondentes a cada discente (A, B, C até J). Os critérios de inclusão foram: alunos do Ensino Médio Integrado de cursos técnicos que apresentaram queixas acerca da saúde mental adquiridos e/ou agravados no retorno das aulas presenciais no ano de 2022; adesão voluntária à pesquisa. Os critérios de exclusão foram: alunos ingressantes matriculados a partir do ano 2023 e alunos do 3º ano, por apresentarem menores demandas de atendimento no setor de saúde.

A produção de dados aconteceu através de entrevistas semiestruturadas, onde os discentes descreveram aspectos relacionados e os fatores motivantes que contribuíram para o agravamento da saúde mental. Segundo Duarte (2004), entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

As entrevistas permitem ao(à) pesquisador(a) fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (Duarte, 2004). As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise dos dados e agrupamento de categorias em informações comuns.



A análise dos dados deu-se pela técnica da análise de conteúdo, na qual, segundo Santos (2012), tem por objetivo apresentar uma apreciação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas. Na perspectiva da análise do conteúdo, as categorias são vistas como classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns, cabendo cabe aos (às) pesquisadores(as) interpretar e agrupar os dados conforme sua classificação. Após a análise dos dados, emergiram três categorias, quais sejam: desafios emocionais na pandemia, vivências do isolamento social, a contemporaneidade na vivência escolar presencial. Importa mencionar que as categorias apresentam, ainda, subcategorias. Neste escrito, apresenta-se os resultados e discussões referentes à subcategoria “a contaminação da covid-19 e as dificuldades enfrentadas no isolamento social” referente à categoria “Vivências do Isolamento Social”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola é um dos primeiros espaços de socialização do ser humano, local para: aprender, pensar, interagir e conviver com diversas pessoas. É lugar indispensável na formação do indivíduo em sociedade. Com o aparecimento do Novo Coronavírus, tornou-se inviável a aglomeração de pessoas devido ao fácil contágio da doença, em particular pelo alto poder letal. Em razão disso, as instituições de ensino tiveram que modificar a modalidade das aulas presenciais por aulas remotas, o que desencadeou uma onda de incertezas do atual cenário, afetando diretamente a saúde mental dos alunos.

As aulas remotas eram mediadas através das plataformas virtuais, cenário novo e diferente que serviu para atender as demandas escolares enquanto a pandemia perdurava, pois ainda era incerta a proteção e o tratamento desta doença. As medidas sanitárias eram as únicas formas de deter a transmissão. Após a descoberta da vacina contra o Novo Coronavírus, as escolas passaram a exigir a vacinação como forma de proteção e redução dos efeitos nocivos causados pelo vírus, com a finalidade de retornar às aulas presenciais com segurança à comunidade escolar.

Assim, depreende-se que a pandemia de COVID-19 não afetou apenas a saúde física, mas também a saúde mental e o bem-estar, embora a maioria dos esforços clínicos e científicos tenham sido direcionados a reduzir os efeitos do vírus sobre a saúde física, suas consequências de curto e longo prazo na saúde mental passam a ser motivo de grandes preocupações e têm mudado as prioridades para a população em geral, mas também está desafiando a agenda dos profissionais de saúde (Fiorillo et al., 2020).

O isolamento social foi uma medida não farmacológica e, ao mesmo tempo, de baixo custo orientado pela OMS no controle da disseminação da COVID-19. Esta apresentou resultados significativos e positivos na estratégia de conter a rede de transmissão acelerada do vírus, porém trouxe consequências desagradáveis no distanciamento de familiares e amigos. Os depoimentos dos discentes partícipes revelam as experiências e os desafios vividos durante o isolamento social, claramente visto nos depoimentos dos Dep A e B.



"Acho que meu maior desafio foi não poder ver as pessoas que eu gosto, a minha família, todo mundo separado, a maioria do pessoal lá de casa é da área de risco." (Dep. A)

"Tive 2 tios, avós meus que faleceram, toda a pandemia e esse mesmo período, a minha mãe e meu pai pegaram COVID junto, a minha mãe estava grávida. E tipo, eu ficava muito agoniado porque eu acabei parando na casa de um vizinho nosso para eu ficar um tempo de isolamento. Depois fui para casa da minha avó, que era mais próximo de eu conseguir os remédios e acabou que eu ficava muito agoniado porque eu já ficava sozinho e lá não estava nem meus pais, aí começou a juntar tudo isso e era uma agonia atrás de agonia" (Dep. B).

As incertezas do isolamento social impactaram de forma significativa a vida social das pessoas, evidenciado no depoimento do Dep. A, que relata a dificuldade e a tristeza em ficar distante dos familiares e das pessoas que gosta, além da preocupação do risco da contaminação de seus familiares que estão na área de risco. As mudanças vividas neste período afetaram o estado emocional, acarretando sentimentos negativos a um cenário novo e duvidoso.

A perda de entes queridos também foi um fator agravante para o bem-estar mental, relatado pelo Dep. B, o enfrentamento do luto de forma tão repentina, causa preocupação e estresse no risco de contágio às pessoas da família e no enfrentamento em ter que lidar com esta medida restritiva na casa de estranho e depois de outro familiar longe dos pais configura um passo para prejudicar a saúde mental.

Esse desequilíbrio pode ocasionar estresse nas respostas comportamentais. Shuchmann *et al.* (2020) afirmam que este cenário pode trazer para a vida do estudante mudanças significativas, tanto do ponto de vista econômico quanto nos aspectos social e emocional, já que o equilíbrio das pessoas e até mesmo da sociedade como um todo pode ser afetado por situações emergenciais como esta, que deixam no seu lastro perdas humanas, materiais e mudanças situacionais extremamente traumáticas. Os autores completam que, acerca das respostas comportamentais das pessoas diante da pandemia, podem afetar e gerar consequências sociais. Tais consequências podem afetar diretamente a satisfação com a vida dos indivíduos, ou seja, a percepção positiva ou negativa diante das mudanças que ocorrem em sua vida (Shuchmann *et al.*, 2020).

Um dos fatores contribuintes para o desafio no enfrentamento da infecção foi a ausência de tratamento específico. Ainda não existiam alternativas para o controle dos sinais e sintomas e a maior preocupação nessa onda de incertezas, era o grau de evolução que a Covid-19 poderia alcançar, de sintomas leves à insuficiência respiratória grave, podendo chegar ao óbito e ter que ficar distante dos entes queridos para conter a transmissão do vírus. Esse desafio pode ser identificado na fala a seguir:

"Foi bem desafiador porque meu pai também chegou a pegar COVID e veio o afastamento de não poder tocar nele, tive que ficar de longe. Foi bastante assim, ruim, porque eu sempre tive um contato grande com meu pai e também com meu tio, apesar dele não morar aqui, com a morte do meu tio e ver que meu pai pegou COVID, foi uma coisa assim que me abalou bastante" (Dep. D).



É notável no Dep. D a tristeza pela perda do ente familiar, ainda que não tivesse um convívio tão próximo, gerou insegurança e preocupação ao ver que seu pai estava infectado pelo mesmo causador e não poderia estar por perto neste momento. O medo tornou-se evidente quando este cenário poderia ser ameaçador, aumentando seu sofrimento e abalo psíquico. Dentro desta atmosfera de medos e inquietações, as pessoas dos grupos de risco foram vistas de forma mais cautelosa pela infecção, pois tinham risco maior de apresentar sintomas mais graves e, possivelmente, chegar ao óbito. O medo da contaminação somado ao isolamento social afetava de forma gradativa a saúde mental das pessoas, evidenciado nos depoimentos dos Dep. E e F, uma outra pandemia acompanhada de impactos psicológicos negativos.

"Quando minha família toda pegou COVID, eu tive que estar isolada, ter todo cuidado, ainda mais que minha mãe tem problema de saúde sério e aí quando ela pegou COVID, de certa forma me afetou muito" (Dep. E)

"Meu maior desafio emocional foi a falta de paciência, tipo, a gente pensa cada coisa até chega a pensar besteira, né? De estar só dentro de casa, aquela rotina, uma coisa que a gente não via fim e repentinamente, todo dia a mesma coisa." (Dep. F)

A rotina repetitiva descrita pela Dep. F gerou impaciência e inquietação, pois o isolamento social era ainda a única alternativa de controle da infecção. Para Nabuco, Oliveira e Afonso (2020), dentre os principais estressores durante a pandemia pela COVID-19 destaca-se o medo da infecção, o isolamento físico, a inadequação das informações, a estigmatização e discriminação, as barreiras para vivenciar o luto daqueles que estão morrendo, as limitações impostas pelo isolamento físico e quarentena foram indiscutivelmente grandes fontes de estresse e impactaram a todos. A duração mais prolongada está associada a um maior impacto na saúde mental, especialmente sintomas de estresse pós-traumático, comportamentos evitativos e irritabilidade, a solidão e redução de interações sociais são importantes fatores de risco para transtornos mentais (Nabuco; Oliveira; Afonso, 2020).

As interações sociais foram perdidas, o medo na convivência e a culpa pelo adoecimento de alguém se tornavam mais frequentes fazendo cumprir, rigorosamente, o isolamento social. Ao mesmo tempo, as perdas repentinas e as dores emocionais afetam o convívio social e estas cicatrizes psicológicas podem perdurar de médio a longo prazo, causando insegurança. É o que o Dep. H deixa evidenciado.

"Aconteceu várias coisas, eu perdi amigos, eu não vinha mais para a escola, meu tio morreu e tudo isso que estava acontecendo comigo também, de certa forma, abala meus pais, isso era pressão pra mim. Eu perdi muitos amigos assim e muitos se afastando porque eles sempre falavam "Ah, vamos sair?" Eu falava "Não, não posso, eu vou ficar aqui em casa fazendo outra coisa, certo?" (Dep.H);

É perceptível neste último depoimento, que a perda de amigos e familiares enfraquece a conexão social e o abalo psicológico aumenta com o medo que a infecção e as cicatrizes psicológicas deixadas pela pandemia perdurem de médio a longo prazo. Para Ornell *et al.* (2020) que, em alguns casos, a incerteza sobre infecção e morte ou sobre infectar familiares e amigos pode potencializar estados mentais disfóricos. Mesmo entre pacientes com sintomas comuns de gripe, o



estresse e o medo devido à semelhança das condições podem gerar sofrimento mental e piorar os sintomas psiquiátricos. E completam afirmando que, apesar de a taxa de casos confirmados versus suspeitos de COVID-19 ser relativamente baixa, a maioria dos casos ser considerada assintomática ou leve e a doença apresentar uma taxa de mortalidade relativamente baixa, as implicações psiquiátricas podem ser significativamente altas (Ornell *et al.*, 2020). Isso pode ser verificado pela fala de Dep. J:

"Eu não diria depressão até porque eu não tinha diagnóstico, mas eu tive muita dificuldade de manter uma rotina saudável. Eu não era animada pra algumas coisas, passamos no período de 2 anos isoladas, depois comecei a não ter força pra sair, minha cabeça pensa muito, então, criei uma fobia social com as pessoas, eu não conseguia sair, o que eu tinha costume de fazer há uns meses atrás em 2021 foi piorando."(Dep. J)

Percebe-se, neste depoimento, que à medida que o isolamento social durava, agrava-se, tornando-se nocivo à saúde mental, comprometendo as atividades de lazer do Dep. J, ou seja, as atividades prazerosas foram ameaçadas pelo medo constante gerada pela pandemia, Teixeira *et al.* (2021), explica que os sinais de adoecimento mental são possíveis de correlacionar com os sentimentos de solidão, ansiedade e apatia sentidos durante o contexto de pandemia, uma vez que são consequências em tal cenário de isolamento social. Gradativamente, é capaz de surgir sentimentos crescentes de depressão e estresse, especialmente durante um período de incerteza, podendo haver sérios impactos na saúde pública, aumentando a vulnerabilidade das pessoas à saúde precária e o enfraquecimento da sociedade como um todo (Teixeira *et al.*, 2021).

Assim, a análise dos dados permitiu entender que o isolamento social, medida utilizada para conter a transmissão do vírus, trouxe sequelas emocionais que ainda perduram. Esse estresse psicológico significativo afetou a rotina, comprometendo os hábitos de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida permite concluir que o período pandêmico, marcado pelo confinamento das pessoas nos lares, a perda repentina de familiares e amigos sem direito a cerimônia do luto, o medo da contaminação e a culpa na transmissão da doença, além da preocupação em ser vítima do estigma da sociedade, foram fatores desencadeadores de sofrimento emocional em discentes do Ensino Médio Integrado. Em um período instável é esperado o aparecimento de sintomas angustiantes, resposta humana frente a acontecimentos inesperados.

Destacam-se os prejuízos na aprendizagem dos discentes no ensino remoto que ainda persistem e tiveram que se adaptar, rapidamente, ao aporte tecnológico e por questões econômicas, alguns não apresentavam este recurso. É importante destacar que a escola teve papel fundamental na disponibilidade dos recursos tecnológicos para a continuidade das atividades pedagógicas.

Por fim, considera-se de extrema importância que as escolas fomentem discussões acerca da saúde mental dos discentes, configurando-se como espaço profícuo de discussão, acolhimento e promoção da saúde sobre a saúde mental.



6. REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portarias Publicadas**. Documento de Área-Ensino.2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior/portarias>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CHRISTINELLI, Heloá Costa Borim *et al.* Percepções de adultos com obesidade sobre monitoramento remoto multiprofissional no início da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, p. e20200710, 2021.

CORDEIRO, K. M. A. **O impacto da pandemia na educação**: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em 21 set. 2022.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 mar. 2023.

ETANISLAU, G, M.; BRESSAN, R. A. Saúde Mental na Escola: O Que os Educadores Devem Saber. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 423-425, mai./ago. 2016. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Sa%C3%BAde_Mental_na_Escola/6uQVBAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em 25 jun. 2022.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde, Brasil. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf>. Acesso em 25 jun. 2022.

FIORILLO, A.; GORWOOD, P. The consequences of the COVID-19 pandemic on mental health and implications for clinical practice. **European psychiatry**, 63(1), e32. 2020. Disponível em: doi:10.1192/j.eurpsy.2020.35. Acesso em 21 set. 2022.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas S.A. 4ed. São Paulo. 2002.

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O Impacto da Pandemia Pela COVID-19 na Saúde Mental: Qual é o Papel da Atenção Primária à Saúde?. **Rev Bras Med Fam Comunidade**. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2532](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2532). Acesso em 10 jan. 2023.

NUNES, G. C., NASCIMENTO, M. C. D., & de ALENCAR, M. A. C. Pesquisa científica: conceitos básicos. *ID on line*. **Revista de psicologia**, 10(29), 144-151, 2016.

OLIVEIRA, M. C.; PONTE, V. M. R.; BARBOSA, J. V. B. METODOLOGIAS DE PESQUISA ADOTADAS NOS ESTUDOS SOBRE BALANCED SCORECARD. **Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC**, [S. l.]. Disponível em: <https://anaiscbc.abcustos.org.br/anais/article/view/1701> . Acesso em 27 fev. 2023.

ORNELL, Felipe *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em psiquiatria**, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25118/2236-918X-10-2-2>. Acesso em 23 jan. 2024.



PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. A Educação Híbrida em Tempos de Pandemia: Algumas Considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID**. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em 22 set. 2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. Editora Atlas S.A. 3ed. São Paulo. 2014.

SANTANA, Viviane Vanessa Rodrigues da Silva *et al.* Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de covid-19: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 2, p. 754-762, 2020.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em 04 abr. 2023.

SCHUCHMANN, A. Z.; SCHNORREBERGER, B. L.; CHIQUETTI, M. E.; GAIKI, R. S.; RAIMANN, B. W.; MAEYAMA, M. A. Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19 / Vertical social isolation X Horizontal social isolation: health and social dilemmas in coping with the COVID-19 pandemic. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 3556–3576, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n2-185. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9128>. Acesso em 20 fev. 2023.

SILVA, Valéria Gomes Fernandes da *et al.* Trabalho do enfermeiro no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, p. e20200594, 2021.

TEIXEIRA, L. de A. C. *et al.* Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da *coronavirus disease* 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 1, p. 21–29, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000315>. Acesso em 12 mar.2023.

VIEIRA, K. M.; POSTIGLIONI, G. F.; DONADUZZI, G.; PORTO, C. DOS S.; KLEIN, L. L. Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, 22 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1147>. Acesso em 21 fev. 2023.

WINTERS, Joanara Rozane da Fontoura *et al.* Remote teaching during the COVID-19 pandemic: repercussions from professors' perspective. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 76, p. e20220172, 2023.

XAVIER, A. R. *et al.* COVID-19: Manifestações Clínicas e Laboratoriais na Infecção Pelo Novo Coronavírus. Artigo de Revisão. **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial** 56. Scielo Brasil, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1676-2444.20200049>. Acesso em 25 jun. 2022.

Submissão: 30/04/2024

Aceito: 03/10/2025